INTEGRAÇÃO DA SAÚDE GLOBAL NA FORMAÇÃO MÉDICA E NA PRÁTICA CLÍNICA

INTEGRATION OF GLOBAL HEALTH INTO MEDICAL EDUCATION AND CLINICAL PRACTICE

Ingridy Vitória Feitosa Barros[1], Fernanda Keyla dos Santos Ferreira de Oliveira[1], Letícia Gabrielle Abreu Alves[1], Larissa Montes da Silva Santos[1], Joelson Alves Ferreira Junior[1], Sabrina Gomes de Oliveira[2].

[1] Acadêmicos do curso de Medicina do Afya Centro Universitário UNIMA - Afya UNIMA; [2] Professora do curso de Medicina do Afya Centro Universitário UNIMA - Afya UNIMA
sabrina.gomes@afya.com.br

Eixo Temático: Internacionalização no Ensino Superior.

RESUMO

A intensificação dos fluxos migratórios e as transformações sociais decorrentes da globalização ampliam a complexidade das demandas em saúde, tornando necessária a incorporação da Saúde Global à formação médica. A compreensão das diretrizes internacionais e o desenvolvimento de competências culturais são fundamentais para qualificar o cuidado, especialmente de populações vulneráveis e migrantes. Este estudo teve como objetivo analisar a importância da integração das diretrizes de Saúde Global à formação médica para fortalecer a prática clínica e promover a equidade no atendimento. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada nas bases PubMed e SciELO e em documentos oficiais da Organização Mundial da Saúde (OMS), utilizando descritores relacionados à Saúde Global, Educação Médica, Competência Cultural e Emigração e Imigração. Os estudos evidenciaram que a crescente diversidade epidemiológica e sociocultural exige competências que ultrapassam o modelo biomédico tradicional. A incorporação da Saúde Global favorece o desenvolvimento de competências culturais, aprimora a comunicação e fortalece a resposta às transformações sanitárias contemporâneas. Conclui-se que essa integração é essencial para qualificar a prática clínica, fortalecer a equidade e a universalidade e preparar profissionais para os desafios da saúde contemporânea.

Palavras-chave: Saúde Global. Educação Médica. Competência Cultural. Emigração e Imigração.

ABSTRACT

The intensification of migratory flows and the social transformations resulting from globalization increase the complexity of health demands, making the incorporation of Global Health into medical education necessary. Understanding international guidelines and developing cultural competencies are fundamental to improving care, especially for vulnerable and migrant populations. This study aimed to analyze the importance of integrating Global Health guidelines into medical education to strengthen clinical practice and promote equity in healthcare. This is a narrative literature review conducted through searches in the PubMed and SciELO databases and official documents from the World Health Organization (WHO), using descriptors related to Global Health, Medical Education, Cultural Competence, and Emigration and Immigration. The studies showed that increasing epidemiological and sociocultural diversity requires competencies that go beyond the traditional

biomedical model. The incorporation of Global Health promotes the development of cultural competencies, improves communication, and strengthens the response to contemporary health transformations. It is concluded that this integration is essential to improve clinical practice, strengthen equity and universality, and prepare professionals for the challenges of contemporary health.

Keywords: Global Health. Medical Education. Cultural Competence. Emigration and Immigration.

INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo de interconexão entre as nações, a Saúde Global ultrapassa as fronteiras geográficas tradicionais, exigindo uma compreensão abrangente dos fatores que afetam a saúde populacional em escala mundial. A saúde global fundamenta-se na busca pela equidade e no enfrentamento de problemas que ultrapassam fronteiras, demandando cooperação entre diferentes áreas do conhecimento e a cooperação internacional.[1] Nesse contexto, a intensificação dos fluxos migratórios e as mudanças sociais relacionadas a dinâmicas políticas e econômicas globais fazem com que os serviços locais de saúde enfrentem demandas cada vez mais diversas. Assim, incluir essa visão ampla e atualizada na formação em saúde torna-se essencial para preparar os futuros profissionais para as reais necessidades da prática clínica e da saúde pública no século XXI.[2]

Na prática clínica diária, a consolidação de acordos internacionais e de planos de ação da Organização Mundial da Saúde (OMS) visa orientar o atendimento humanizado e a equidade no cuidado, especialmente frente ao aumento dos fluxos migratórios.[3] Contudo, observa-se uma importante lacuna na formação. De um lado, os currículos acadêmicos tradicionais dedicam pouco espaço a esses cenários; de outro, os próprios estudantes frequentemente desconhecem a relevância de compreender políticas globais e competências culturais para a sua futura rotina médica.[4] Essa dupla barreira, estrutural e de conscientização, faz com que o conhecimento das normas internacionais raramente seja aplicado na prática do dia a dia, o que acaba comprometendo o acolhimento, a comunicação e a eficiência do cuidado prestado a essas populações.

Diante desse cenário, torna-se necessário ampliar a abordagem da formação acadêmica em saúde, incorporando o conhecimento de questões globais como parte da prática médica contemporânea. A formação dos profissionais de saúde precisa acompanhar as mudanças nas necessidades das populações e considerar a interdependência entre os diferentes contextos de saúde.[2] Além disso, a inserção da Saúde Global nos currículos médicos contribui para aproximar os estudantes de questões que ultrapassam o cuidado individual e envolvem aspectos sociais, culturais e sanitários presentes em diferentes populações.[5] Essa abordagem

também se relaciona às exigências de internacionalização do ensino superior, favorecendo uma formação mais crítica e preparada para as transformações e crises sanitárias globais.

Diante desse contexto, este estudo analisa a importância de integrar as diretrizes de Saúde Global à formação médica como meio de fortalecer a prática clínica e o atendimento a populações vulneráveis. Neste sentido, busca-se compreender a aplicação das orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) na rotina dos serviços de saúde e evidenciar o impacto de superar as lacunas de conhecimento e percepção dos estudantes na graduação, promovendo um olhar mais crítico e preparado frente aos desafios da saúde contemporânea.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada por meio da busca de artigos científicos e documentos oficiais nas bases PubMed, SciELO e repositórios da Organização Mundial da Saúde (OMS). A busca foi realizada em agosto de 2026. Foram utilizados os descritores “Saúde Global”, “Educação Médica”, “Competência Cultural” e “Emigração e Imigração”, combinados por operadores booleanos AND e OR. Como critérios de inclusão, selecionaram-se publicações em português e inglês que abordassem a relação entre diretrizes internacionais, fluxos migratórios e a prática clínica na formação em saúde, priorizando a relevância temática e a atualidade das fontes. Inversamente, adotaram-se como critérios de exclusão estudos duplicados nas bases, resumos de congressos, cartas ao editor, e trabalhos que discutiam formação médica ou migração de forma isolada, sem interface direta com a Saúde Global. A seleção permitiu a organização das fontes em eixos temáticos para a posterior síntese e discussão dos resultados.

RESULTADOS

O avanço do processo de globalização e a consequente intensificação dos fluxos migratórios internacionais transformaram profundamente a dinâmica demográfica e sanitária contemporânea. Essa constante movimentação de populações faz com que os serviços locais de saúde, desde a atenção primária até os centros de alta complexidade, deparem-se com uma mudança expressiva no perfil epidemiológico dos atendimentos. Pacientes oriundos de diferentes regiões geopolíticas trazem consigo especificidades clínicas complexas, que incluem desde históricos vacinais heterogêneos e exposição a enfermidades endêmicas até o agravamento de condições crônicas negligenciadas durante os percursos migratórios. Soma-se a isso o desgaste físico e emocional decorrente do deslocamento e da vulnerabilidade social, o que exige que o médico não apenas identifique o quadro patológico,

mas compreenda como os determinantes sociais e globais moldam a manifestação das doenças no território nacional.

Para orientar a conduta profissional diante dessa realidade, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu o Plano de Ação Global para a Saúde de Refugiados e Migrantes, documento que visa assegurar o atendimento humanizado, universal e equitativo a essas populações. As diretrizes desse documento oficial enfatizam a necessidade de estratégias específicas para a garantia do acesso universal, a atualização de esquemas de vacinação, o rastreio precoce de agravos e a superação de barreiras linguísticas e socioculturais nos serviços de saúde.[6] Contudo, a efetividade dessas recomendações internacionais depende diretamente da capacidade do médico em reconhecer a validade de tais normas e aplicá-las em sua rotina de trabalho. Quando o profissional desconhece esses protocolos globais, perde-se a oportunidade de padronizar um acolhimento seguro, o que resulta em condutas clínicas fragmentadas e na perpetuação da vulnerabilidade desses pacientes.[7]

A despeito da crescente relevância dos cenários internacionais na rotina sanitária, a estrutura curricular tradicional dos cursos de medicina no Brasil permanece predominantemente centrada no modelo biomédico e em demandas puramente locais. Essa abordagem estritamente fragmentada dedica espaço insuficiente para o estudo de tópicos como a governança em saúde global, o direito internacional sanitário e os determinantes socioambientais da saúde de populações itinerantes.[8] Como consequência dessa lacuna pedagógica, a formação acadêmica falha em instrumentar o estudante com repertórios teóricos e práticos necessários para compreender como decisões políticas globais e crises migratórias refletem diretamente nas demandas dos serviços de saúde no país. [8]

Paralelamente à fragilidade dos projetos pedagógicos, observa-se que a percepção dos próprios estudantes de medicina em relação à Saúde Global é frequentemente pautada pelo desconhecimento ou por uma visão limitada de sua aplicabilidade. Por ser muitas vezes compreendida de forma equivocada como uma disciplina voltada apenas para missões humanitárias no exterior ou carreiras diplomáticas, a temática acaba sendo secundarizada na escolha das prioridades de estudo. A falta de conscientização sobre a aplicação prática das diretrizes internacionais na rotina clínica cotidiana faz com que os discentes deixem de desenvolver competências culturais fundamentais, gerando uma lacuna pontual, porém expressiva, na capacidade de integrar a internacionalização da saúde ao atendimento ao paciente.[9]

Por outro lado, a superação dessa lacuna e a incorporação ativa das diretrizes globais na graduação trazem benefícios diretos para a qualidade do ato médico. O domínio de

competências culturais e a compreensão da governança internacional em saúde capacitam o futuro profissional a conduzir anamneses mais empáticas e contextualizadas, reduzindo significativamente os ruídos de comunicação e os diagnósticos equivocados em relação a populações vulneráveis e migrantes. A conscientização teórica se traduz, assim, em uma prática clínica mais resolutiva, em que a observância às recomendações globais atua como uma ferramenta concreta para a melhoria do cuidado prestado.[10] Em uma perspectiva mais ampla, essa qualificação profissional fortalece diretamente os princípios da equidade e da universalidade que fundamentam o Sistema Único de Saúde (SUS). Ao reconhecer as diretrizes internacionais não como normas abstratas, mas como compromissos éticos de promoção da saúde, o médico passa a atuar como um agente ativo na garantia de direitos para grupos historicamente marginalizados. Assim, o debate sobre a internacionalização na graduação médica transcende o âmbito acadêmico e se consolida como uma estratégia essencial para preparar profissionais capazes de responder com eficácia, sensibilidade e liderança às constantes transformações e crises sanitárias globais.[11]

CONCLUSÃO

A integração da Saúde Global e das diretrizes internacionais na formação médica é indispensável para a prática clínica atual. Com o aumento dos fluxos migratórios e a mudança no perfil dos pacientes, o conhecimento dessas normas deixa de ser algo opcional e passa a ser um pilar fundamental da atuação do médico. Isso garante que o profissional consiga padronizar o atendimento de forma humanizada e responder com segurança às diferentes realidades de saúde no dia a dia.

Portanto, promover a conscientização ainda na graduação médica é fundamental para transformar a qualidade do cuidado prestado. Ao integrar o domínio dessa temática à rotina clínica, o profissional desenvolve as competências necessárias para conduzir uma assistência integral. Essa mudança de perspectiva não apenas qualifica o ato médico, mas também fortalece a equidade e a universalidade no Sistema Único de Saúde (SUS), consolidando o compromisso ético da profissão perante as constantes transformações da saúde mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Koplan JP, Bond TC, Merson MH, Reddy KS, Rodriguez MH, Sewankambo NK, et al. Towards a common definition of global health. Lancet. 2009;373(9679):1993-1995.

2. Frenk J, Chen L, Bhutta ZA, Cohen J, Crisp N, Evans T, et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. Lancet. 2010;376(9756):1923-1958.

3. World Health Organization. Refugee and migrant health: Global action plan 2019–2023. Geneva: World Health Organization; 2019.

4. Piller SP, Silva AL, Ramos FRS. Competência cultural na formação de profissionais da saúde: uma necessidade emergente. Interface (Botucatu). 2020;24:e190450.

5. Rowson M, Smith A, Hughes R, Johnson O, Maini A, Martin S, et al. The evolution of global health teaching in UK medical schools. Global Health. 2012;8:35.

6. Organização Mundial da Saúde. Diretrizes sobre a saúde de refugiados e migrantes na Região das Américas. Washington, DC: OPAS; 2020.

7. Bozorgmehr K, Saint V, Kaasch A, Stuckler D, Kentikelenis A. Global health governance and the commercial determinants of health. BMJ Glob Health. 2018;3(Suppl 1):e000851.

8. Ventura D. A saúde pública e a política externa brasileira. Rev USP. 2013;(98):89-100.

9. Drain PK, Primack A, Hunt DD, Fawzi WW, Holmes KK, Gardner P. Global health in medical education: a call for action. Acad Med. 2007;82(3):226-30.

10. Yudkin JS, Bayley O, Elspeth R, Barna S, Loynes E. Introducing global health into the medical curriculum. BMJ. 2003;327(7413):492-493.

11. Buss PM, Tobar S. Diplomacia em saúde e saúde global: conceitos e desafios. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2018.